



Economia

5 • CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, terça-feira, 2 de maio de 2017

Bolsas Na sexta-feira 1,12% São Paulo 0,19% Nova York	Bovespa Índice Bovespa nos últimos dias (em pontos) 65.148 25/4 26/4 27/4 28/4 65.403	Salário mínimo R\$ 937	Dólar Na sexta-feira R\$ 3,174 (▼ 0,28%) Últimas cotações (em R\$) 20/abril 3,15 24/abril 3,12 25/abril 3,18 26/abril 3,17 27/abril 3,18	Euro Comercial, venda na sexta-feira R\$ 3,467	Capital de giro Na sexta-feira 14,25%	CDB Préfixo 30 dias (ao ano) 10,39%	Inflação IPCA do IBGE (em %) Novembro/2016 0,18 Dezembro/2016 0,30 Janeiro/2017 0,38 Fevereiro/2017 0,33 Março/2017 0,25
---	--	---	---	---	---	--	---

TRABALHO / Centrais sindicais originalmente rivais se juntam para programar ações contra mudanças trabalhistas e na Previdência. Ideia é ocupar Brasília, conversar com parlamentares e, caso nenhuma estratégia contenha as alterações, propor uma nova greve geral

Aversão às reformas une CUT e Força Sindical

» RODOLFO COSTA

A tramitação das reformas trabalhista e da Previdência no Congresso Nacional conseguiu juntar as duas principais centrais sindicais do país: a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Força Sindical. Juntas, elas pretendem unir esforços com outras entidades para organizar um grande movimento de ocupação em Brasília contra a aprovação das duas propostas. A ideia é concentrar os próximos atos na capital federal. Em última instância, como carta da final, as mobilizações podem resultar em uma outra greve geral, mas mais duradoura.

A paralisação da última sexta-feira não apenas foi considerada um sucesso, pelas centrais, como também deu o tom de que outros atos serão necessários para manter fortalecida a luta sindical contra a aprovação das mudanças na legislação, avaliam sindicalistas. Afinal, uma das reformas, a trabalhista, já passou pela Câmara e será discutida no Senado. Se aprovada sem alterações, vai direto para sanção presidencial.

As primeiras conversas para alinhar a força-tarefa das centrais devem ocorrer amanhã, em Brasília, afirma o vice-presidente da Força Sindical, Miguel Torres. "Na quarta-feira, faremos uma reunião para analisar os próximos passos", disse. Além da entidade e da CUT, outras participarão das negociações: a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), a Central dos Sindicatos Brasileiros (CSB), a União Geral dos Trabalhadores (UGT) e a Nova Central.

Convencimento

O processo de convencimento e comunicação, no entanto, começa hoje. Torres, que é presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM), se reunirá com representantes da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação e Afins (CNIA) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio (CNTC). "A ideia é chamarmos as entidades para conversar sobre os próximos passos para articular ações e fortalecer a luta. Como são representações de trabalhadores em importantes segmentos produtivos, temos a capacidade de agir de uma maneira mais rápida", explicou o sindicalista.

Ainda hoje, algumas centrais costuram um encontro com o presidente do Senado, Eunício Oliveira (PMDB-CE), e com o senador Renan Calheiros (PMDB-AL), que declarou, na última semana, que a reforma trabalhista não passará na Casa. O objetivo das entidades é orientar os senadores a votarem contra a reforma. O trabalho de diálogo com os parlamentares que discutirão a reforma da Previdência é o primeiro passo antes da ocupação em Brasília.

Essas conversas serão fundamentais para o calendário de protestos. Quaisquer sinais de que as reformas passarão motivarão as centrais a convocar manifestações na Esplanada dos Ministérios antes das votações. Esgotadas todas as tentativas de frear as propostas, as entidades convocarão nova greve geral que pode durar dias, afirma Torres.

Nelson Almeida/AFP



Em São Paulo, trabalhadores ligados a várias centrais sindicais aproveitaram o 1º de Maio para se manifestar contra o governo e as mudanças

Atos de protesto por todo o Brasil

O Dia do Trabalhador foi marcado por protestos contra as reformas trabalhista e da Previdência. E também por confusão. Na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, cerca de 15 pessoas se envolveram em uma briga na escadaria da Câmara dos Vereadores. A briga teria sido provocada, segundo o presidente do diretório fluminense da Central Única dos Trabalhadores (CUT-RJ), Marcelo Rodrigues, por comentários racistas de um homem a favor da volta da monarquia. Sob protestos, o grupo retirou o manifestante do local. A Cinelândia foi tomada por integrantes da CUT e de outras centrais sindicais, bem como por representantes da Associação de Servidores da FioCruz, do Movimento Semterra, e de partidos políticos.

Em São Paulo, na esquina da Avenida Paulista com a Haddock Lobo, as manifestações foram lideradas pela CUT. O movimento estava previsto para ocorrer em frente ao Museu de Arte de São Paulo (Masp), mas foi impedido, devido a uma decisão judicial que acatou um pedido da Prefeitura, sob alegação de que há um limite anual de eventos culturais que fecham o trecho da via. Os shows marcados para ontem na capital paulista ocorreram na Praça da República.

O presidente do diretório nacional da CUT, Vagner Freitas, não poupou críticas ao governo durante o ato e declarou que vai negociar com senadores mudanças na reforma trabalhista. Com os deputados da FioCruz, do Movimento Semterra, ele planeja conseguir o adiamento da reforma da Previdência.

Nelson Almeida/AFP



Trabalhadora se pintou de palhaço para participar do manifestação na Av. Paulista

Em Cascavel, no Paraná, houve o tradicional costelão fogo de chão, organizado, desde 1966, pelo Seminário São José, para homenagear São José Operário.

A Igreja Católica, segundo o bispo, está com o "coração doído" pela "realidade do povo brasileiro", e não pode ficar "omissa" diante do fato de mais de 14 milhões de desempregados. "Procurarem espaços para rever os rumos. A idolatria do capital e a destruição da vida humana não podem ser o caminho que devemos adotar", disse, em recado aos governantes. "A dignidade do trabalhador e a sacralidade do trabalhador não podem ser esquecidas, violadas e pisoteadas", continuou o religioso, que arrancou aplausos dos participantes da missa. (RC — Colaborou Isabella Souto)

"A classe política vai ouvir a opinião pública ou morrer abraçado com um governo que já acabou?", indagou ele, reiterando que o presidente Temer "não tem compromisso com a popularidade porque tem prazo de validade".

Em Contagem, Região Metropolitana de Belo Horizonte, a tradicional missa realizada na Praça da Cemig também foi palco de protestos. Munidas de faixas, cartazes,

documentos e carteiras de trabalho, cerca de 5 mil pessoas — entre elas políticos e sindicalistas — participaram do evento, que foi conduzido por dom Otacilio Ferreira de Lacerda, bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Em Porto Alegre, manifestantes contra as reformas tomaram as ruas e chegaram a fechar um túnel. Várias rodovias no estado foram ocupadas com passeatas.

1º de Maio: manifestações e repressão no mundo

Zakaria Abde@afp/AFP



Em Paris, manifestantes atiraram coquetéis molotov contra os policiais

Milhares de pessoas participaram, em todo o mundo, de manifestações pelo Dia Internacional do Trabalho. O 1º de Maio foi marcado por passeatas, atos políticos e comícios, mas também por confrontos — os mais violentos aconteceram na França e na Turquia.

Há menos de uma semana do segundo turno das eleições presidenciais, entre a candidata da extrema-direita, Marine Le Pen, e o centrista Emmanuel Macron, Paris teve um dia marcado por violentos confrontos entre manifestantes e a Polícia. O tumulto começou quando um grupo de jovens encapuzados e mascarados jogou projéteis e coquetéis molotov contra a polícia. Os policiais revidaram, usando gás lacrimogêneo para dispersar os jovens. Na confusão, três policiais ficaram feridos.

Também houve violência na Turquia. A Polícia turca prendeu mais de 200 pessoas e usou gás lacrimogêneo para dispersar centenas de manifestantes que protestavam contra o governo. Na capital, Istambul, pelo menos 70 manifestantes foram presos na Praça Taksim, o mesmo local onde 34 pessoas foram mortas durante uma passeata pelo Dia do Trabalho, em 1977. A polícia havia bloqueado o acesso à praça, mas houve confusão porque alguns grupos tentaram chegar ao local.

Na Grécia, milhares de pessoas aproveitaram as manifestações do 1º de Maio para protestar contra o novo programa de austeridade que está sendo costurado entre o governo e credores. O maior sindicato grego convocou,

inclusive, uma greve geral para o dia 17 de maio.

Em Madri, a luta foi não só em defesa dos direitos dos trabalhadores, como também "contra a corrupção", um dos lemas das manifestações do Dia do Trabalho. A manifestação no centro da capital ocorreu após o surgimento de um novo escândalo no Partido Popular, no poder, suspeito de desvio de fundos públicos na administração de uma empresa pública regional de gestão de águas.

Os argentinos aproveitaram a data para se manifestar contra o governo de Mauricio Macri. "Mais do que comemorar, vamos protestar. O governo está nos levando ao desemprego, às demissões e à pobreza", disse um dos líderes da central CGT (peronista, oposição), em declarações à rádio Provincia.